

A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS AMBIENTAIS E A CULTURA MATERIAL PARA A COMPREENSÃO DA PRÉ-HISTÓRIA

Adriana Machado Pimentel de Oliveira Kraisch^{1*}
Carlos Xavier de Azevedo Netto^{**}

A questão das paisagens, dentro do discurso arqueológico, tem se destacado com o advento nas abordagens pós-estruturalista dentro da arqueologia, como foi apontado por Renfrew; Bahn (2004). Nesta noção, converge os conceitos de espaço e representação, onde:

O espaço, além, de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser, então, considerado como o lugar onde os homens e as mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas, seus interesses. Cada espaço, tornado-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas. (ALMEIDA, 2003: 71)

Assim, o espaço começa assumir contornos de paisagem. Onde é possível vislumbrar a diluição entre as fronteiras entre natureza e cultura, como foi explicitado por Castro (2002). É nesta interface entre o cultural e o natural², que emerge a paisagem:

À medida que os grupos reencontram suas paisagens como um prolongamento da própria identidade, essas relações são intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de natureza diversificada, legados a um jogo de forças. Sob essa ótica, todas as paisagens são heranças em vários sentidos, sejam como realidade natural ou cultural, transformados a todo instante de maneira contínua, ao longo dos tempos, manifestas em testemunhos de uma objetividade que emerge da própria subjetividade. (GUIMARÃES, 2003: 49)

A discussão sobre espacialidade tem reconhecido que a sua organização parte da prática social, como foi apontado por Chamberlim (2006). Mas a noção de lugar também invoca a idéia de paisagem como derivada das interações estabelecidas entre lugares e as relações sociais entre eles, sem deixar de considerar as expressões simbólicas que demarcam esses lugares/paisagens. Para a formação de identidades culturais é incorporada (CHAMBERLIM, 2006), ao mesmo tempo, e de forma objetiva, o espaço, reconfigurando o conhecimento cultural, incorporando a idéia de “Campo” (BORDIEU, 1989), dentro da diversidade de construções identitárias, já que:

* Mestranda em História – PPGH/UFPB

** Bolsista de Produtividade do CNPq, Professor do DCI/UFPB - NDIHR

² Fruto da dicotomia ocidental.

This internal diversity is captured in spatially complex traditions of place — for example, the tetradic organization of the Tewa landscape, where a tiered system of shrines, mountains, and lakes reaffirms the principal divisions of Tewa society and cosmology (Ortiz 1969). Such internal diversity also increases the duplexity of group identity. Subjective identities are misaligned with objective commonalities of place, and relations of power are mapped onto the difference, as when in times of shortage powerful Hopi clans expel lesser ones (Levy 1992). (CHAMBERLIM, 2006: 46)

Segundo Oosterbeek (2007) a Pré-história e a Arqueologia são consideradas uma práxis das ciências humanas, e se encontram interligadas através da noção de espaço e da investigação da memória.

As formas de ocupação humana e o meio ambiente, através do desenvolvimento dos estudos arqueológicos e da pré-história destacam a importância dos estudos ambientais para que se consiga entender os diversos aspectos relacionados ao cotidiano de populações pré-históricas. Essas ocupações pré-históricas se distribuíram por todo o território e, de forma sustentável, estabelecem uma relação de troca com o meio natural, onde os aspectos culturais podem ter se modificado, configurando novas formas de representação do universo simbólico destas populações, que podem ser exemplificados pelos registros rupestres deixados por estas sociedades.

TERRITÓRIO E PAISAGEM

O conceito de território, que se aproxima da noção de paisagem, tem apresentado uma gama variada de definições agregada a esse termo, mas sempre de cunho pragmático, quer a uma determinada disciplina, quer a uma abordagem teórico-conceitual, ou mesmo a uma temática específica de pesquisa. Para a arqueologia a noção de território assume contornos específicos, mas que são convergentes no que diz respeito à relação entre natureza e cultura. Dados ambientais, geomorfológicos e hidrológicos, se encontram com dados oriundos da economia, instituições políticas e sociais e da cultura. Sua importância é relacionada, além da verificação da ocupação de determinado espaço por um determinada população, com a possibilidade de inferência das identidades étnicas de grupos pretéritos, documentados historicamente, já que é na relação entre a consciência de etnicidade e seu contexto que direcionam e as condições de vida social e a construção subjetiva de sua identidade, frente a realidade social (JONES, 2005).

A noção de território é sempre norteada pela delimitação de espaços, que se efetiva em uma esfera de jogo de poder, entre elementos de uma comunidade e seus membros, com a outorga desse poder de delimitar, e ser reconhecida, uma determinada territorialidade, como é indicado por Bordieu (1989). Nesta delimitação entra em cena a aproximação entre identidades regionais e étnicas, que estão intimamente ligadas à propriedade territorial, enquanto signos originários, que são referenciados pelo lugar, com seus sinais duradouros, que se vinculam como produtoras da identidade do grupo. Isto porque as regiões, paisagens ou territórios são produtos histórica e culturalmente determinados.

Assim, o lugar aparece permeado de signos da identidade, e introduz, a partir do poder de classificação, uma descontinuidade sócio-cultural em uma continuidade dada como natural. Este ponto levanta a questão do aparecimento de fronteiras entre territórios, que se mantêm subjetivadas dentro de classificações particulares, já que:

Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações 'naturais' em regiões 'naturais', separadas por fronteiras 'naturais'. A fronteira nunca é mais do que uma divisão que se atribuirá maior ou menor fundamento na 'realidade' segundo os elementos que ela reúne, tenham entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes (dando-se por entendido que se pode discutir sempre a cerca dos limites e variações entre os elementos não idênticos que a taxonomia trata como semelhantes). (BORDIEU, 1989: 114)

Esta relativização se dá porque no curso da delimitação de fronteiras, ou de territórios, possui uma origem que:

[...] é social de parte a parte e as classificações mais 'naturais' apóiam-se em características que em nada têm de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior das relações de força no campo das lutas pela delimitação legítima. (BORDIEU, 1989: 155)

Assim, esse ambiente, quando se torna socializado, passa a uma dualidade em que é considerado como uma construção social, ao mesmo tempo, que em determinados momentos constrói uma determinada sociedade. Com isso, essa relação entre a paisagem e o lugar torna-se estreita, com a primeira, passando pelo nível da escala espacial a ser adotada, podendo ser considerado dentro da esfera do território de unidade política, uma cidade e etc. Já o lugar passa a ser considerado como um ponto específico dentro de uma paisagem maior, como propõe Acuto (1999). Já que:

Como está señalado más arriba, una especialidad puede modificarse a lo largo del tiempo, puede cambiar su materialidad, los significados en ella impresos o ambos. Por ejemplo, más adelante se verá como los Inkas modificaron significativamente a la estructura de los paisajes de las regiones conquistadas. [...] Existen también casos en que la materialidad no varía, pero si su significado, Bender (1993b) presenta un buen ejemplo al respecto tomando al sitio de Stonehenge (Inglaterra) y cómo su significado cambió desde la Edad Media hasta la actualidad. Por último, muchas veces se puede dar que paisaje o lugares concebidos por una elite para excluir a otros sectores sociales, cambien a lo largo del tiempo su aspecto material aunque no su significado. Para el resto de la sociedad esos lugares seguirán siendo percibidos como ambientes construidos a los que no pueden acceder por falta de capital económico y/o social. (ACUTO, 1999: 37)

Essa relação entre o ambiente e as relações sociais perpassa pelo conflito simbólico da tradição de espacialidade em sociedades de pequena escala, onde atores infundem os aspectos objetivos e subjetivos das noções de identidade passíveis de serem construídas. É na dinâmica cognitiva que persiste a caracterização desta relação, de forma conflituosa, por meio da reificação da separação entre o eu e o outro. Neste sentido, pode-se dizer que:

This transformation is suggested here to unfold as symbolic conflict between groups over the meaning, ownership, and value of traditional inventories (knowledge, names, practices, symbols) that confer symbolic capital (legitimacy, prestige) within specific sociospatial fields (Bourdieu 1985; Harrison 2001). The spread and spatial configuration of tradition is the outcome of this conflict. (CHAMBERLIN, 2006: 39)

Partindo desta ótica, deve-se buscar, dentro do escopo da arqueologia atributos que possam ser definidos objetivamente de forma a indicar os limites das tradições espaciais. Esses indicadores podem ser observados através das práticas simbólicas que representam expressões subjetivas de desejo ou interesse, que pode ser considerada como uma estrutura dentro das disposições do *habitus* (BORDIEU, 1989). Portanto, a consideração dos atores e suas ações dentro de determinados contextos devem nortear as construções das redes entre os elementos que constituem o registro arqueológico e suas alterações, para que:

Transformations take place, but these are infrequent and mostly unintentional, occurring when contradictions between tradition and historical circumstances generate crises of identity (Sahlins 1981) or the politicization of practical knowledge (Bourdieu 1991), or where a gradual disjuncture of traditional practices from their origins develops, as when actors ‘perpetuate the surface form without necessarily understanding the ultimate meanings’ (Pauketat 2001, 77). (CHAMBERLIM, 2006: 40)

Essa constituição de identidades passa por processos cognitivos contínuos de objetivação dos atores que maximizam a uniformidade interna para ruptura externa, onde a

dimensão individual é transladada para a homogeneidade entre os membros de um determinado grupo. Esta duplicidade de relação para a construção de identidades tem sua origem na contradição contratual entre os atributos de semelhanças e diferenças dentro de um mesmo grupo. Desta forma, essa duplicidade se dá de modo permanente porque entrelaça padrões de reunião social, interação de identidades e sistemas simbólicos em constante desalinhamento, com a não correspondência da distribuição dos atributos individuais, configurando seus mapas de tradição da especialidade, dentro de um jogo de poder simbólico. Assim:

As a result, transformation is also permanent: actors continually create new knowledge as they confront the disjuncture of objective and subjective identities in local contexts (Jenkins 1994; Schryer 2001). [...]actors adjust both objective conditions and subjective perceptions. Rather than requiring a crisis of identity or consciousness, this flow of knowledge is on-going, especially in small-scale societies that lack the differentiation of capital that institutionalizes unquestioned knowledge (Bourdieu 1990, 118). (CHAMBERLIN, 2006: 42)

Sendo que:

Relations of conflict and power are inevitably mapped on to the disjuncture of objective and subjective identities (Jenkins 1994; Schryer 2001). In smallscale societies, at issue specifically is symbolic power, 'the power of imposing on other minds a vision, old or new, of social divisions' (Bourdieu 1990, 138). (CHAMBERLIN, 2006: 42)

Considerado como um processo simbólico, a duplicidade dentro do jogo de poder simbólico, mantém o jogo dentro de uma disputa para o desenvolvimento das tradições culturais de espacialidade. O que leva a crer que:

This process is stimulated by the mutual classification of self and other between groups that reifies and maximises separateness (Levine 1999). In evaluating cultural differences, doxa becomes heterodoxy, and habitus susceptible to mutual adjustment. Groups attempt to transform tradition, to map power onto relations of identity through the acquisition of new elements of tradition. Traditions thus comprise symbolic capital within fields, and spread as they are contested, emulated, and appropriated. At the same time, traditional inventories facilitate the creation of difference and power between groups. (CHAMBERLIN, 2006: 46)

Do ponto de vista estritamente arqueológico, com técnicas específicas de pesquisa, é possível se visualizar a distribuição de determinados traços da cultura material que possam ser

úteis para a inferência de territorialidade. Pelos padrões de ocupação, com referência à “*Central Place Theory*”, pode-se dizer que:

The first use we will make of settlement pattern information is to identify the social and political territories around centers, in order to establish the political organization of landscape. [...] It assumes that the sites in given region will fall neatly into series categories according variations in site size. All the primary center should be in one size categories, all the secondary centers in the next, etc. (RENFREW; BAHN, 2004:182)

Com isso, é através do padrão de assentamento que se torna possível identificar um determinado território que se organize à volta de um centro, permitindo recuperar elementos para uma eventual reconstituição da ordem política vigente no estabelecimento de uma paisagem. E no que diz respeito à arte-rupestre, a noção de espaço assume contornos mais restritos de território, visto que ocorre um processo de sinalização de diferentes nichos em um mesmo ambiente, ou mesmo em ambientes diferentes, como pode ser visto no trabalho de Williams (1985), sobre a delimitação de territórios através da arte-rupestre nas Guianas, ou de Corrêa (1994), quando infere uma territorialidade na calha do Rio Uatumã, na Amazônia. Assim, pode-se considerar:

It is useful to make a distinction between ‘spaces’ and ‘places’. ‘Spaces’ are fairly undifferentiated areas which nevertheless provide the general character, texture and context of place, a specific, defined topographical location at which human activity is focused (Tilley, 1994, apud RENFREW; BAHN, 2004: 182)

O recorte espacial adotado na nossa discussão está baseado na divisão geográfica oficial, estabelecida pelo IBGE, que coloca o estado da Paraíba dividido em quatro grandes mesoregiões, denominadas Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão, e elas, por sua vez, se mostram distribuídas em vinte e uma microrregiões (COSTA, 2003: 53). Dentre estas microrregiões se encontra o Cariri, considerada uma das áreas mais secas do Brasil, localizado na Mesorregião da Borborema, no trópico semi-árido do Estado da Paraíba. Na Região do Cariri Paraibano estão situados 29 municípios, dos quais, cerca de doze, são apontados como possuidores de elevado potencial turístico. Entre estes estão os municípios de Boqueirão, São João do Cariri, São José dos Cordeiros, Serra Branca, Sumé, Zabelê, Camalaú e São João do Tigre.

Sua área de abrangência está intimamente ligada às bacias hidrográficas que ligam o interior do Estado da Paraíba com o seu litoral. A adoção da hidrografia do Estado como marco referencial de pesquisa não é uma escolha fortuita, mas antes delimitada pela

observação arqueológica, onde os curso d'água apresentam-se como vias de deslocamento e dispersão de populações, humanas ou animais. Some-se a isso que o conhecimento da dispersão dos grupos pré-históricos no Estado da Paraíba ainda é diminuto, com apenas uma região com pesquisas de grande envergadura, que é o Cariri Paraibano. Entendendo que a hidrografia da Paraíba se divide em duas classes distintas, as bacias do Planalto da Borborema e as do Sertão.

A Mesorregião da Borborema está em uma altitude média entre 300 e 800 metros, com um clima semi-árido, sujeito a estiagens prolongadas e um relevo bem antigo, entrecortado de serras. Já para a Mesorregião do Agreste Paraibano observa-se um clima mais ameno, devido a formação de depressões que propiciam um maior acúmulo de umidade, configurando o ambiente denominado de “Brejo”. Quanto à Zona da Mata Paraibana, esta se apresenta com um clima típico de regiões litorâneas, com uma irrigação das várias bacias hidrográficas, esta planície apresenta a ocorrência de Tabuleiros, que configuram-se como a deposição de sedimentos, oriundos de cotas altimétricas mais elevadas.

Essas bacias serão abordadas a partir de seu elemento principal, o rio que as denomina, onde serão identificados os sítios arqueológicos que estariam inseridos em sua área de abrangência direta, em um primeiro momento, e indireta, posteriormente. As Bacias Hidrográficas que serão abordadas neste projeto são:

- Paraíba;
- Taperoá;
- Umbuzeiro;

ANTECEDENTES ARQUEOLÓGICOS

Em um levantamento preliminar da literatura arqueológica sobre a arte rupestre paraibana, foi possível constatar que a grande maioria de referências é fruto de trabalhos de cronistas, não havendo, no momento, nenhum trabalhos arqueológico sistemático sobre esse tipo de manifestação arqueológica. A única referência localizada sobre a arte rupestre da Paraíba foi o trabalho de Almeida (1979) que procura interpretar os 37 sítios arqueológicos encontrados na região dos Cariris Velhos, sendo classificados como pertencentes à Tradição Agreste, com um intervalo cronológico entre 5000 A.P. e 2000 A.P. (MARTIN, 1997).

Outra referência foi localizada a partir do relatório do Projeto Bacia do Taperoá, que contou com um *Sub-projeto de Levantamento e Caracterização dos Sítios Arqueológicos e Paleontológicos* (LAX; ALMEIDA, 2002). Esse trabalho apresenta considerações preliminares sobre o estado de conservação de 12 sítios arqueológicos visitados em três dias de atividades de campo, sendo que sete desses sítios foram localizados originalmente por Almeida (1979) e cinco são inéditos. Dentre esses sítios foi possível observar a ocorrência de gravações como de pinturas. Resta saber o estado de conservação dos 30 sítios restantes e os novos sítios que podem se localizados nessa área. A esse respeito devem-se considerar as intempéries e a ação antrópica como um dos fatores que influenciam a conservação dos sítios, mas:

Apesar dos danos provocados por puro descuido ou por indivíduos da própria comunidade, felizmente a maior parte deles estão longe das principais rodovias ou de localidades de grande adensamento populacional. Mesmo assim, medidas de educação e conservação devem ser tomadas.

Talvez o mais importante seja a educação da população local com respeito ao quão importante é proteger essas relíquias do passado. Durante o trabalho de campo devemos conversar com maior número de pessoas possível sobre o que é a arte rupestre, mostrando o que queremos preservar, a importância da preservação desses lugares e quem deve ser contatado quando do achado de algo que eles pensem que é de interesse. (LAX; ALMEIDA, 2002:5)

Como resultados de pesquisas mais recentes nesta região, encontram-se os trabalhos que são frutos do projeto anterior. Alguns trabalhos procuram tratar do registro dos sítios arqueológicos, em especial nos municípios de São João do Cariri, Serra Branca, como pode ser visto em Kraisch; Azevedo Netto (2007), Duarte; Oliveira (2006). No tocante a inserção dos sítios no meio ambiente pode-se apontar os trabalhos de Azevedo Netto; Duarte; Kraisch (2005), Azevedo Netto (2005, 2005-b). Quanto à questão de educação patrimonial o trabalho de Duarte; Oliveira; Marcajá (2005).

Para uma fundamentação teórica da relação entre o ambiente e o registro arqueológico, pode-se observar o trabalho de Azevedo Netto (2005-a). E por fim o trabalho acerca dos restos diretos das populações que habitaram essa região pode ser encontrado em Carvalho; Queiroz; Azevedo Netto (2006), sobre a análise do material ósseo humano encontrado no sítio Serrote da Macambira. Ainda com respeito a questão da espacialidade dos grupos que habitaram os Cariris Velhos, observa-se o trabalho de Azevedo Netto; Kraisch; Rosa (2007) e de Azevedo Netto; Duarte; Soares Junior (2007), onde insere na discussão de identidade, configurando inicialmente os contornos da territorialidade.

Alguns levantamentos preliminares foram levados a cabo em alguns dos municípios citados acima, onde foi possível constatar o ineditismo de boa parte de seu patrimônio arqueológico, já não foi encontrada nenhuma referência a eles na literatura e no banco de dados do IPHAN. No Município de São João do Tigre, em especial na Área de Proteção Ambiental Onças (APA das Onças), instituída pela SUDEMA, com uma cobertura vegetal de caatinga, onde foi possível identificar 16 sítios arqueológicos, com arte rupestre, que podem remeter a tradição Agreste ou Nordeste, em conjunto com evidências cerâmicas e de restos diretos. No caso do Município de Camalaú foi possível identificar 12 sítios, sendo que 11 deles apresentam evidências de arte rupestre, com 10 monocromáticas e um deles policromáticas, inseridos neste contexto pode-se observar a ocorrência de fragmentos cerâmicos. Um dos sítios observados é um sítio-cemitério, com restos diretos espalhados pela superfície, onde consta uma perturbação por parte de coleta de curiosos, sendo possível observar a ocorrência de trançados e cestaria associada aos restos diretos. Assim, torna-se justificado uma abordagem mais prolongada desta região.

DESCRIÇÃO DE ALGUNS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS LOCALIZADOS NO CARIRI PARAIBANO

Uma das características principais do interior da região nordeste é o que diz respeito à sua conformação ambiental, visto que se trata de um clima semi-árido, a vegetação de caatinga, assim denominada genericamente, de caráter notadamente frágil e de equilíbrio precário. Esses ambientes foram objeto de um número reduzido de estudos, o que os torna muito mal conhecidos, quer seja no tocante às suas peculiaridades, quer seja quanto ao potencial para abrigar grandes contingentes populacionais.

Essa região possui solos de pouca profundidade, com aproximadamente cinquenta centímetros de espessura, demonstrando, logo em seguida, rochas cristalinas, impermeáveis, sendo cobertas pela vegetação nativa que se apresenta, historicamente, como a vegetação mais rarefeita do semi-árido paraibano. Ela guarda um clima seco com umidade relativa do ar quase sempre abaixo de 65% e com altas temperaturas durante o dia, decrescendo com o cair da tarde, mesmo nos dias de verão. O rigor climático presente na região proporciona uma vegetação de caatinga, classificada como hiperxerófila, distribuída em solo de baixa profundidade e bastante pedregoso. Essa tipologia de vegetação foi classificada pelo IBGE (1992) como Savana-Estépica Arborizada.

Este tipo de vegetação ocupa uma área de 734.478 km² por todo o nordeste do Brasil e é o único bioma exclusivamente brasileiro. Isto significa que grande parte do patrimônio biológico dessa região não é encontrada em outro lugar do mundo além do Nordeste do Brasil e ocupa cerca de 7% do território brasileiro. Este tipo de vegetação estende-se pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia e norte de Minas Gerais. Ela tem uma fisionomia desértica, com índices pluviométricos muito baixos, em torno de 500 a 700 mm anuais.

Sítio Cacimba das Bestas

Camalaú - PB

Este sítio apresenta painéis de pinturas, na cor vermelha e está localizado numa região onde se encontram vários locais em que se percebe a existência de painéis de pintura. Analisando os registros percebemos que algumas pinturas apresentam semelhanças com os registros característicos da Tradição Nordeste.



Sítio Pintura

São João do Tigre – Pb

Este sítio é um sítio cemitério com a ocorrência de pinturas rupestres, localizado num serrote denominado Serra Jacarará, de difícil acesso. Apresenta três painéis. Está próximo ao Rio Pintura e ao açude Jucurutu.



Sítio Serrote da Macambira

São João do Cariri - PB

Foi possível perceber que através das feições deste local, que se trata de um possível local de sepultamento indígena, ou seja, um sítio cemitério, que foi encontrado por moradores do lugar. Neste sítio foram encontrados vários fragmentos ósseos localizados na superfície, além de artefatos líticos e cerâmicos. O sítio cemitério é um abrigo com quatro bocas, ou seja, quatro locais de entrada/saída, e que, no seu interior, há pedras que estavam deslocadas como se, anteriormente, cobrisse os corpos que lá se encontravam enterrados, segundo depoimento dos moradores locais.



Sítio Poção II

Serra Branca – PB

Sítio localizado na propriedade Poção II, de propriedade do Senhor José Do Er Borba. Possui painel único contendo apenas pinturas, com motivos geométricos, na cor vermelha. Algumas pinturas encontram-se em melhor estado que outras. Este sítio encontra-se em local de difícil acesso, em vegetação fechada a qual apresenta as características da vegetação do

semi-árido nordestino, a Caatinga. O sítio mostra pinturas com sinais geométricos (circulares e lineares).



Sítio Barra

Camalaú - PB

O Sítio Barra é um sítio cemitério de propriedade do Sr. Ivandro, localizado numa altitude de 607 metros, apresentando um solo argiloso. Possui esqueletos que estão dispostos no chão, sendo cobertos por blocos de granito. Neste cemitério não é encontrado a presença de registros rupestres acompanhando este ritual. Esta serra encontra-se no topo da vertente direita do Rio Paraíba. Foram feitas escavações neste local e foram encontradas fragmentos cerâmicos, muito material ósseo e carvão. A vegetação característica presente neste sítio é a encontrada em toda a região semi-árida, ou seja, a caatinga.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De onde viemos e quem somos sempre é uma pergunta feita nos estudos das sociedades passadas que pouco ou nada contam com registros escritos e oficiais para a sua compreensão. Para os estudos da pré-história, compreender as noções de espaço e território, entendendo seu conceito e aplicação para este período, demonstra a importância que se dá para se tentar entender o cotidiano em que viviam as populações pretéritas de forma que

através destas noções se consiga estabelecer critérios para o entendimento da relação destas sociedades e o meio ambiente no qual elas estavam inseridas. As atividades por eles estabelecidas se apresentam interligadas ao meio ambiente em que viviam e poderia oferecer para as diversas práticas cotidianas destas populações. A dimensão do território como uma realidade socialmente construída demonstra que as relações entre objetos e percepção de mundo se inter cruzam e o aspecto cultural se encontra presente nas atividades cotidianas destas populações.

Assim, a relação entre os estudos culturais e o meio ambiente favorece o entendimento da dinâmica de vida estabelecida por estas populações de forma a oferecer critérios interpretativos que procuram esclarecer a dinâmica destas populações das sociedades ditas pré-históricas, de forma a tentar diminuir o grande vazio existente na compreensão deste período para a história do Brasil e, conseqüentemente, para a história paraibana.

REFERÊNCIAS

- ACUTO, Félix A. Paisaje y Dominación: La constitución del espacio social em el Império Inka, in ZARAKIN, A.; ACUTO, F.A. (ed.), 1999. *Send Non Satiata – Teoria social em la arqueología latinoamericana contemporânea*, Buenos Aires, 25 Ediciones Del Tridente, 1999. p.33-76.
- ALMEIDA, Ruth T, *A Arte Rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. 1979.
- ALMEIDA, Maria G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, M.G.; RATTTS, A.J.P. (orgs.) *Geografia: Leituras culturais*, Goiânia, Editora Alternativa, 2003, p. 71-88.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. *As Gravações Rupestres do Cerrado: O Enfoque de seus signos*, dissertação de mestrado, EBA/UFRJ. 1994.
- _____. *A Arte Rupestre da Bacia do Taperoá: A ordenação e representação de seus dados*. Projeto de pesquisa, João Pessoa, UFPB. 2004.
- _____. Memória, Identidade e Cultura Material: a visão arqueológica. In: *Revista Vivência*, Natal/UFRN, nº28, 2005. p 265 – 276.
- AZEVEDO NETTO, C. X; KRAISCH, A. M. P. O; DUARTE, P. A inserção ambiental dos Sítios Arqueológicos do Município de São João do Cariri. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*, Londrina. ANPHU Nacional, (cd-rom). 2005.
- AZEVEDO NETTO, C. X; KRAISCH, A. M. P. O; ROSA, C. R. Territorialidade e Arte Rupestre – Inferências iniciais a cerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano, in *Revista de Arqueologia* , SAB, Juiz de Fora, 2007, p. 51-66.
- AZEVEDO NETTO, C.X.; DUARTE, P.; SOARES JUNIOR, M.F. Marcas da Identidade – A re-apropriação de grafismos em um sítio arqueológico, in OLIVEIRA, T.B. et alli (org) *Pré-História: Estudos para arqueologia da Paraíba*, João Pessoa, SPA/JRC Editora, 2007, p. 35-52.

- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, Lisboa, Difel. 1989.
- CHAMBERLIN, Mathew A. Symbolic Conflict and the Spaciality of Traditions in Small-scale Society, in *Cambridge Archaeological Journal*, 16:1, Cambridge, MacDonald Institute for Archaeological Research, 2006, p. 39-51.
- COSTA, F.F.L.et al. *Projeto Resgate Histórico Arqueológico e Cultural da região do Cariri*. V.I, Relatório de pesquisa, João Pessoa, FCJA, 2000.
- COSTA, José Jonas Duarte da. *Impactos Socioambientais das Políticas de Combate à Seca na Paraíba*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 2003.
- CORREA, Marcus Vinicius M. *As Gravações e Pinturas Rupestres na área do Reservatório da UHE-Balbina – AM.*, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ/EBA. 1994.
- GUIMARÃES, Solange T. L. Paisagens e Ciganos: uma reflexão sobre paisagens do medo, in ALMEIDA, M.G.; RATTIS, A.J.P. (orgs.) *Geografia: Leituras culturais*, Goiânia, Editora Alternativa, 2003, p. 49-69.
- JONES, Siân. Categorias históricas e a práxis da identidade: A interpretação da etnicidade na arqueologia histórica, in FUNARI, P.P.A.; OSER JR, C.E.; SCHIAVETTO, S.N.O. (org.), *Identities, discursos e poder: Estudos da arqueologia contemporânea*, São Paulo, FAPESP/Anablume, 2005. p.27-44.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2ªed. Recife: Universitária/UFPE. 1997.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Archaeology: Theories, methods and practices*, Fourth Editions, London, Thames & Hudson. 2004.
- WILLIAMS, Dennis. Pethrogliphs in Prehistory of Northern in Amazonia and Antilles. In: WENDORF, CLOSE. 1985. *Advances in World Archaeology*. New York, Academic Press,. p. 335-387. v. 4. 1985.